

galeria

nara roesler

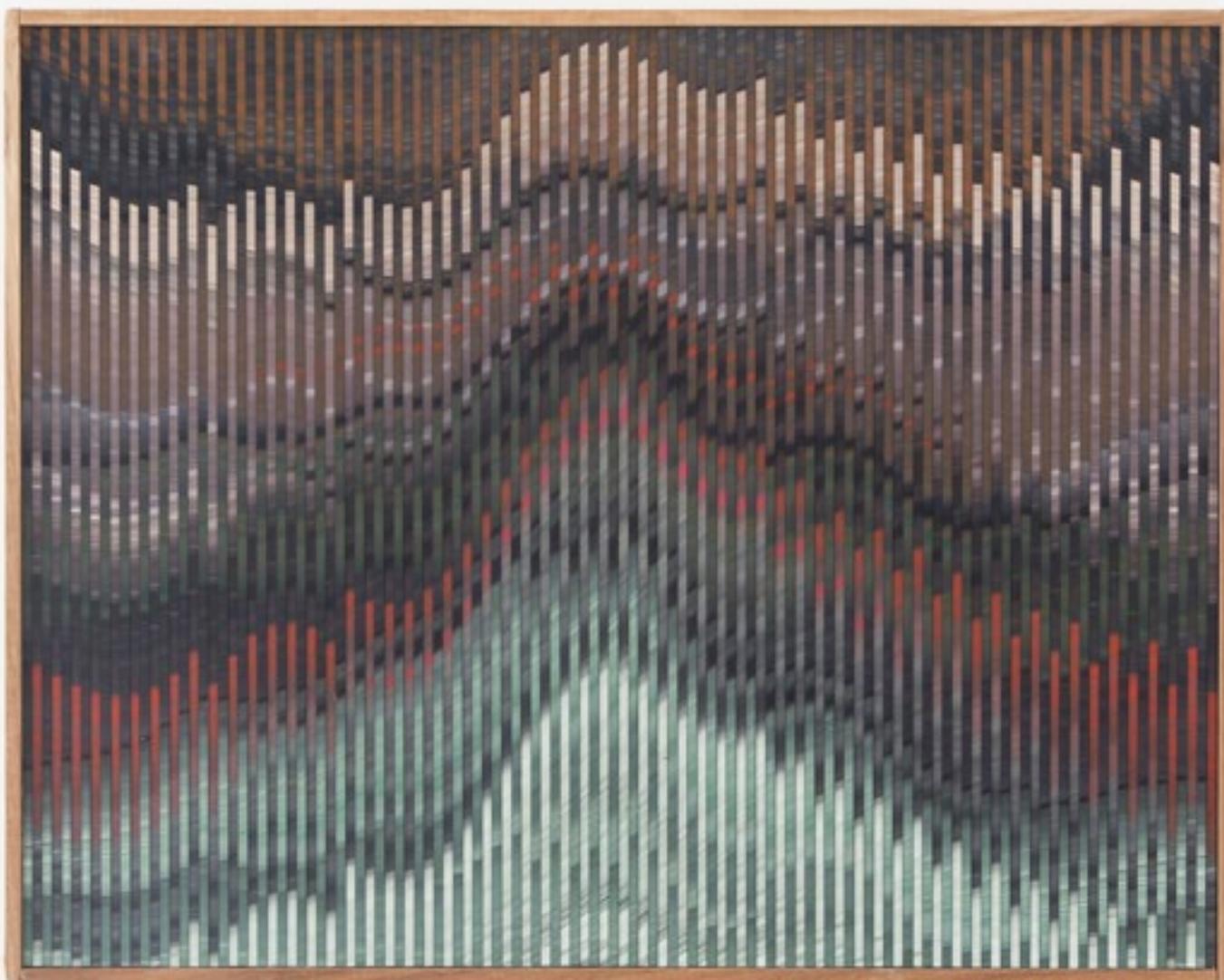
Art | Basel Hong Kong

stand / booth 3C33

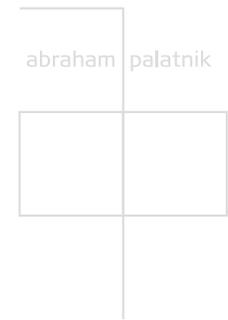
artistas/artists

abraham palatnik
antonio dias
bruno dunley
carlito carvalhosa
eduardo coimbra
isaac julien
lucia koch
melanie smith
rodolpho parigi
vik muniz





Abraham Palatnik
W-338 2010
acrílica sobre madeira/acrylic on wood
ed. única/unique -- 44,6 x 56,8 cm



Abraham Palatnik é um pioneiro da arte cinética, juntamente com Julio Le Parc, Carlos Cruz-Diez e Jesús Rafael Soto. Suas investigações nos campos da tecnologia, mobilidade e luz levaram a entendimentos inovadores dos fenômenos visuais, marcando a passagem entre arte moderna e contemporânea no Brasil. A inventividade dos seus trabalhos não apresenta paralelos nas suas experimentações com movimentos superficiais, aparatos cinéticos e relevos, ou no seu design de móveis.

Sua primeira máquina cinecromática, “Azul e roxo em primeiro movimento”, causou um impacto profundo na discussão sobre suportes entre o júri de seleção da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951. Ao invés de pintura ou escultura, Palatnik apresentou uma “pintura cinética ou máquinas de pintar”, como costumava chamá-las, nas quais tecidos sintéticos, motores, luzes e a integração do espectador com o ambiente eram usados como elementos estruturais. Levando Mario Pedrosa a cunhar um novo termo em arte: cinecromático, essa foi a primeira tentativa, no Brasil, de criar uma arte utópica do futuro. Influenciado pela força da linguagem usada em trabalhos produzidos por pacientes hospitalares, o artista começou a investigar as possibilidades artísticas de uma nova técnica baseada no uso da luz e do movimento em um tempo-espaço pictórico com a ajuda das mais recentes tecnologias. Ao longo dos anos, Palatnik criou mais de 33 aparelhos cinecromáticos expostos em sete edições da Bienal de São Paulo, de 1951 a 1963, bem como na Bienal de Veneza (1964) e na Bienal de Córdoba (1966). Com seus aparelhos cinecromáticos, o artista previu a corrente construtivista que emergiria com a criação do Grupo Ruptura (São Paulo, 1952) e do Grupo Frente (Rio de Janeiro, 1954) e que se estabeleceria com o Concretismo (1956) e o Neoconcretismo (1969).

Palatnik nasceu em 1928, em Natal. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Participou de oito edições da Bienal de São Paulo, Brasil (entre 1951 e 1969), além da 32ª Bienal de Veneza, Itália (1964), ao lado de Mavignier, Volpi e Weissmann, entre outros. Suas obras integram acervos de instituições como: Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil; MoMA, Nova York, EUA; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Royal Museum of Fine Arts, Bruxelas, Bélgica; entre outras.

Abraham Palatnik is a pioneer of kinetic art, alongside Julio Le Parc, Carlos Cruz Diez, and Jesus Soto. His investigations into technology, mobility, and light led to a groundbreaking understanding of visual phenomena, marking a passage between modern and contemporary art in Brazil. The inventiveness of his works remains unparalleled – be it through experimentations on surface movement, kinetic apparatuses, reliefs and even furniture design.

His first kinechromatic machine, “Azul e roxo em primeiro movimento”, had a profound impact on the discussion of art materials by the selection jury of the 1st Bienal de São Paulo, in 1951. Instead of painting or sculpture, he presented a “kinetic painting or painting machines”, as he liked to call them – in which synthetic fabrics, motors, lights, and the spectator’s integration with the environment were used as structural elements. Causing Mario Pedrosa to coin a new term in art: kinechromatic, it was the first attempt, in Brazil, to create a utopian art of the future. In the late 1950s, Palatnik came in touch with Pedrosa and the D. Pedro I Psychiatric Hospital. Impacted by the potency of the language used in works produced by inpatients, from then on, the artist set out to investigate the artistic possibilities of a new technique, based on the use of light and movement in the pictorial time-space with the aid of the latest technologies. Over the years, Palatnik has created more than 33 kinechromatic devices exhibited in seven editions of the São Paulo Biennial – from 1951 to 1963 –, as well as in the Venice (1964) and Cordoba (1966). With his kinechromatic devices, the artist anticipated the constructive current – which emerged with the creation of Grupo Ruptura (São Paulo, 1952) and Grupo Frente (Rio de Janeiro, 1954) and established itself with Concretism (1956) and Neo-Concretism (1969).

Palatnik was born in 1928 in Natal. He lives and works in Rio de Janeiro. He featured in eight editions of the Bienal de São Paulo, Brazil (between 1951 and 1969), and in the 32nd Venice Biennale (1964), alongside Mavignier, Volpi, and Weissmann, among others. His works are included in the collections of the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea de Niterói; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea da USP; Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, all in Brazil; MoMA, New York, United States; Museo de Arte Latinoamericano in Buenos Aires, Argentina; Royal Museum of Fine Arts, in Brussels, Belgium, among others.



Antonio Dias
sem título/untitled
grafite, cobre, ouro composto sobre papel/
graphite, copper, and compost gold on paper
76 x 112 cm (díptico)

No início da carreira de Antonio Dias, na década de 1960, sua obra era constituída de vinhetas políticas sardônicas na forma de esculturas moles, desenhos e montagens pertencentes ao neofigurativismo e à Pop Art brasileira. Sua abordagem divertida e subversiva de erotismo, sexo e opressão política o levou a desenvolver uma obra singular e conceitual repleta de elegância formal, mas entrelaçada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Em 1966, em meio ao golpe militar brasileiro, Dias deixou o Brasil rumo a Europa. Na década de 1970, estabeleceu-se em Milão e desenvolveu uma forte tendência a trabalhos conceituais, como a série "The Illustration of Art". No final da década de 60, a participação do público se tornou uma preocupação cada vez mais pungente, como na instalação de 1968, "Do it Yourself: Freedom Territory" e "The invented country (God-will-give days)", exibida na 29ª Bienal de São Paulo, em 2010, tendo o último sido adquirido recentemente pelo MoMA.

Em 1977, após uma viagem ao Nepal, o trabalho de Antonio Dias tomou um novo rumo. O que começou como uma viagem para pesquisar diferentes tipos de papel, transformou-se em uma série de colaborações com fabricantes de papel locais de Barabashi, resultando em trabalhos como "Chapati for Seven Days" (1977) e "Niranjanirakhar" (1977). Durante a década de 1980, o artista voltou sua atenção mais uma vez para a pintura, fazendo experimentos com pigmentos metálicos e minerais, tais como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite, misturando-os com uma variedade de agentes aglutinantes.

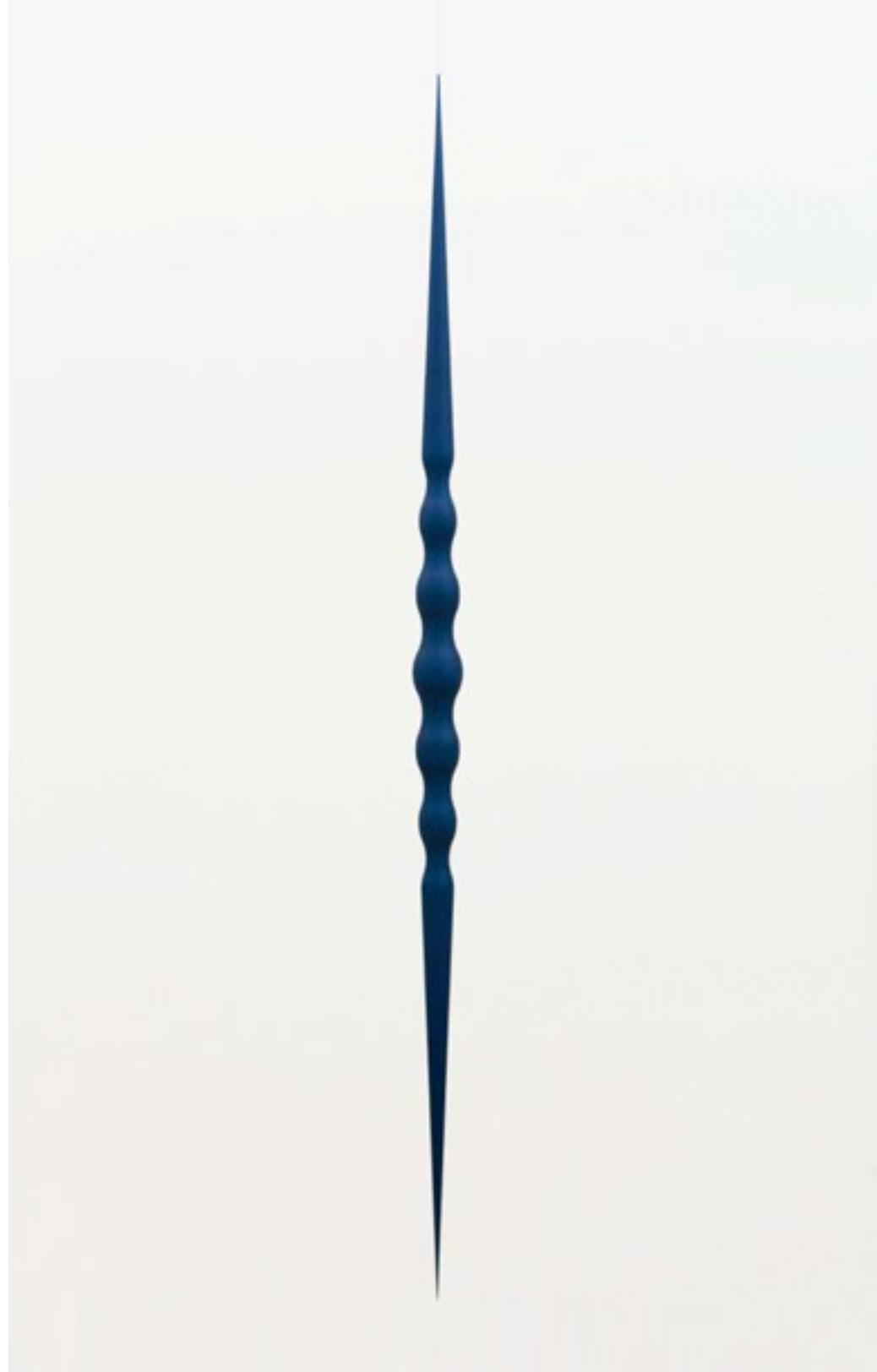
Antonio Dias nasceu em 1944 em Campina Grande, Paraíba. Seus trabalhos fazem parte de importantes coleções internacionais, tais como: Museum of Modern Art, Nova York, EUA; Ludwig Museum, Colônia, Alemanha; Daros Collection, Zurique, Suíça; Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munique, Alemanha; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; e Centro Studi e Archivio della Comunicazione, Università de Parma, Itália, e renomadas coleções nacionais, tais como: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; Itaú Cultural, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife; e Museu de Arte Contemporânea de Niterói/Coleção Sattamini, Niterói.

Antonio Dias' early career, back in the 1960s, consisted of sardonic political vignettes in the form of soft sculptures, drawings, and assemblages belonging to Neo-Figurativism and Brazilian Pop Art. His playful and subversive approach towards eroticism, sex, and political oppression, engendered him to construct a singular and conceptual oeuvre in his art replete with formal elegance interwoven with political issues and poignant critiques relating to the system of art. In 1966, in the midst of the military coup in Brazil, Dias left Brazil for Europe, later settling in Milan in the 1970s. The year 1966 saw a stronger trend of conceptual artwork, such as "The Illustration of Art" series. In the end of the 1960s, audience participation became an increasing concern for the artist, as in the 1968 installation "Do it yourself: Freedom Territory" and "The Invented Country (God-Will-Give-Days), featured in the 29th Bienal de São Paulo, in 2010 and the latter more recently integrated into the MoMA collection.

In 1977, following a trip to Nepal, the artist's work took a new direction. What began as voyage to research different type of paper, developed into a series of collaborations with native papermakers of Barabashi, resulting in works such as "Chapati for Seven Days" (1977) and "Niranjanirakhar" (1977). During the 1980s, Dias turned his attention once again to painting, experimenting with metallic and mineral pigments, such as gold, copper, iron oxide and graphite, mixing them with a variety of binding agents.

Antonio Dias was born in 1944 in Campina Grande, Paraíba, and lives and works between Rio de Janeiro and Milan. His works can be found in important international collections such as: Museum of Modern Art, New York, USA; Ludwig Museum, Cologne, Germany; Daros Collection, Zurich, Switzerland; Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munich, Germany; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Fondazione Marconi, Milan, Italy; and Centro Studi e Archivio della Comunicazione, Università de Parma, Italy and renowned national collections which include: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; Itaú Cultural, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife; e Museu de Arte Contemporânea de Niterói / Coleção Sattamini, Niterói.

Artur Lescher
Ann five 2014
alumínio anodizado azul/anodized blue aluminum
ed 5/5 + 2 PA -- 220 x 10 x 10 cm





Artur Lescher
Phoenix 2014
alumínio anodizado/anodized aluminum
ed PA (ed. 15 + PA)
16 x 012 cm / 16 x 05 cm

As esculturas de Artur Lescher procuram situações espaciais em que passem despercebidas, como intervenções sutis. O artista prefere objetos de uma só peça, suspensos e sujeitos à força da gravidade, criando uma tensão e uma relação entre o trabalho e o espaço ao seu redor. Usando materiais diversos, tais como metal, madeira, bronze e cobre, ele evoca volumes e formas familiares, mas subtraídos de sua função habitual.

Lescher ganhou reconhecimento após ter participado da 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, na qual apresentou "Aerólitos", um trabalho composto de dois balões de 11 metros de comprimento, um no pavilhão da bienal e outro colocado na área externa, em diálogo. Em 2002, criou "Indoor Landscape" para a 25ª Bienal de São Paulo, dois módulos de formato regular instalados no chão, um feito de madeira e o outro de lona e água, criando um espaço de atrito dentro do prédio projetado por Oscar Niemeyer. Recentemente, em 2013, participou do projeto Octógono com "Inabsência" (2013): uma cúpula gigantesca, que descende do teto do átrio, dialogando com o projeto inicial de Ramos de Azevedo, autor do prédio construído em 1905.

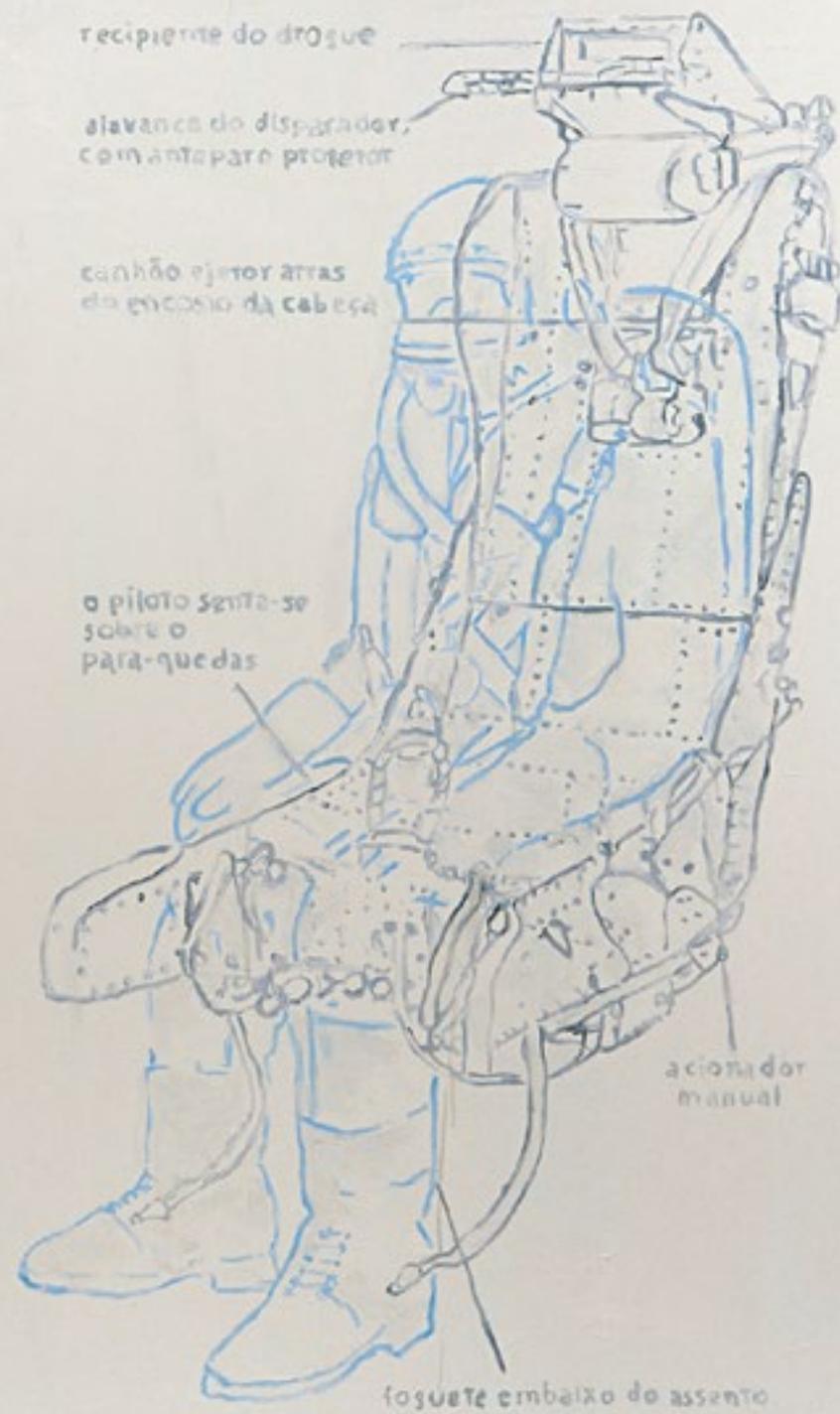
Nascido em 1962 em São Paulo, Artur Lescher participou das edições de 1987 e 2002 da Bienal de São Paulo e da Bienal do Mercosul de 2005, em Porto Alegre, Brasil. Mostras coletivas recentes incluem: *The circle walked casually* (Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha, 2013); *Encuentros/tensiones: arte latinoamericano contemporáneo - Colección Malba + comodatos* (Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina, 2013); *Circuitos cruzados* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013). Algumas das suas mostras individuais incluem: *Pensamento pantográfico* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Inabsência* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2012), Galeria del Paseo (Punta del Este, Uruguai, 2012); e *Rio máquina* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2010). Seus trabalhos estão incluídos em importantes coleções públicas, tais como na Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; no Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; no Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; no Museum of Fine Arts, Houston, EUA; e no Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, EUA.

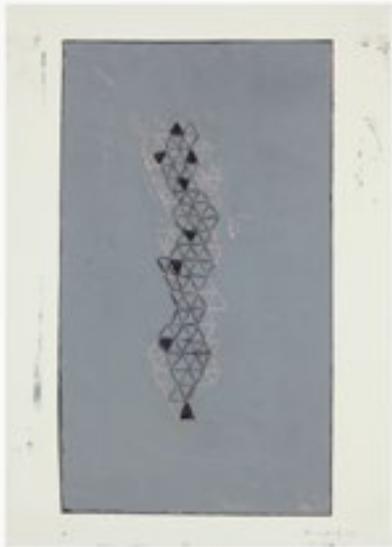
Artur Lescher's sculptures have always sought spatial situations where they intend to pass unnoticed as subtle interventions. His preference is for one-piece objects, suspended and subject to the force of gravity, creating a tension and relation between the work and the space around it. Using different materials such as metal, stone, wood, brass and copper, he evokes familiar volumes and designs but removed of their usual function.

Lescher gained recognition after participating in the 19th Bienal de São Paulo, in which he presented "Aerólitos," a work consisting of two 11-meter-long balloons, one in the biennial pavilion and the other in an external area, which converse with one another. In 2002, he created "Indoor Landscape" for the 25th Bienal de São Paulo, comprising two regular-shaped modules set on the floor, one made of wood and the other made of tarpaulin and water, which create a space of attrition inside the building designed by Oscar Niemeyer. Recently in 2013, Lescher participated of projeto Octógono with "Inabsência" (In absence, 2013): an enormous dome descending from the atrium's ceiling, which dialogued with the initial Project of Ramos de Azevedo, architect of the building constructed in 1905.

Born in 1962 in São Paulo, Artur Lescher participated in the 1987 and 2002 editions of the Bienal de São Paulo and in the 2005 Mercosul Biennial, in Porto Alegre, all in Brazil. Recent group shows include: *The circle walked casually* (Deutsche Bank KunstHalle, Berlin, Germany, 2013); *Encuentros/tensiones: arte latinoamericano contemporáneo - Colección Malba + comodatos* (Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina, 2013); *Circuitos cruzados* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013). Some of his recent solo shows include: *Pensamento pantográfico* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Inabsência* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2012), Galeria del Paseo (Punta del Este, Uruguay, 2012); and *Rio máquina* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2010). His works are included in major public collections such as those of the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Museum of Fine Arts, Houston, USA; and Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, USA.

Bruno Dunley
Cadeira ejetora 2011
óleo sobre tela/oil on canvas
180 x 120 cm





Bruno Dunley
sem título/untitled 2014
óleo sobre papel/oil on paper



A obra de Bruno Dunley questiona a premissa pictórica da pintura, particularmente, as relações entre representação e consciência individual e coletiva. Tendo como ponto de partida imagens encontradas ou fictícias, suas pinturas começam como composições cuidadosamente construídas, lentamente sendo apagadas. Neste processo, são reveladas as lacunas da aparente continuidade da percepção. Parte de uma nova geração de pintores brasileiros, chamada 2000e8, o artista inicialmente usa fotografias, mas remove sua qualidade indicativa, concentrando-se mais no volume e no jogo de cores perto uma das outras para criar figuras por meio de camadas que se apagam. A predominância da linguagem visual minimalista empresta uma qualidade meditativa a algumas das suas pinturas, nas quais, frequentemente, o plano é dominado por uma só cor.

Bruno Dunley nasceu em Petrópolis, em 1984. Vive e trabalha em São Paulo. Exposições recentes incluem a individual: *No lugar em que já estamos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); e (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, 2013) e *Bruno Dunley* (11 Bis, Paris, França, 2012); assim como as coletivas: *Prática portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2011); e *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brasil, 2010).

Bruno Dunley's works question the pictorial premise of painting, in particular, the relations between representation and an individual and collective consciousness. Departing from either found or fictional images, his paintings start as carefully constructed compositions, slowly suffering erasure which, at times, reveal gaps in the apparent continuity of perception. Part of a new generation of Brazilian painters named 2000e8, he departs from photographs but removes its indexical quality, focusing more on volume and the play of colors in proximity to each other in order to create figures through layers of effacement. The predominance of this minimalist visual language lends a meditative quality to some of his paintings in which, very often, a single color dominates the whole plane.

Bruno Dunley was born in Petrópolis, Brazil (1984). He lives and works in São Paulo. Recent exhibitions include the solo show: *No lugar em que já estamos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); e (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil, 2013) and *Bruno Dunley* (11 Bis, Paris, France, 2012); as well as the group shows *Prática portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brazil, 2011); and *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brazil, 2010).



Carlito Carvalhosa
sem título (P 22)/untitled (P 22) 2013
óleo e resina sobre alumínio/oil and resin on aluminum
122 X 122 cm



Carlito Carvalhosa
sem título (P 23)/untitled (P 23) 2013
óleo e resina sobre alumínio/oil and resin on aluminum
122 X 122 cm



A forma como Carvalhosa manipula luz e espaço é ao mesmo tempo um ato de ocultamento e revelação. Nos anos 1980, participou do coletivo paulista Grupo Casa 7, juntamente com Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro, e como seus colegas, produziu pinturas em grande escala com ênfase no gesto pictórico. No entanto, recentemente, Carvalhosa expandiu sua prática artística para a escultura, empregando tecidos, espelhos e luzes para criar ambientes de experiência e participação.

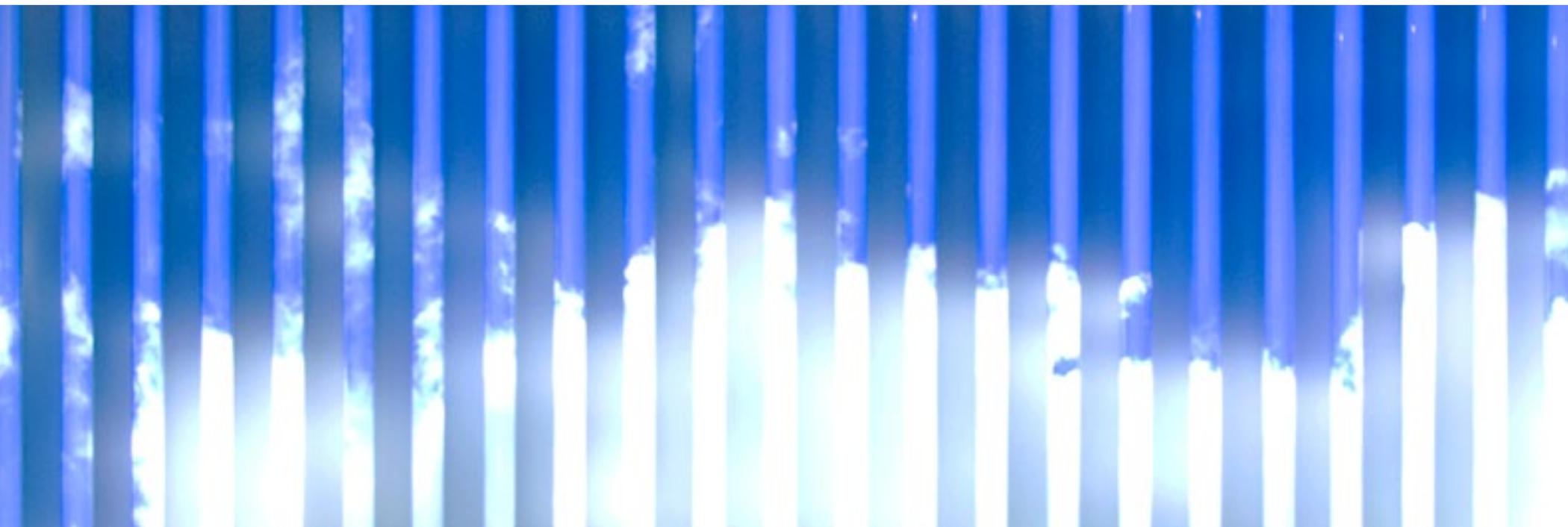
Em 2011, Carvalhosa foi o primeiro artista brasileiro a ocupar o átrio do MoMA com sua instalação "Sum of Days", uma estrutura feita de material translúcido que pendurada no teto formava um labirinto, ocultando o perímetro do espaço arquitetônico circundante e permitindo uma experiência de total imersão. Microfones foram distribuídos pelo interior da escultura que tocavam as gravações do barulho ambiente gravadas no dia anterior. Em 2013, Carvalhosa foi selecionado para inaugurar o novo espaço do MAC-USP com "Sala de Espera", uma instalação composta de mais de quarenta troncos de árvore de 12 metros de comprimento, originalmente usados como postes para a iluminação de ruas, que cortavam horizontalmente o prédio projetado por Niemeyer, transformando seu interior em esfera pública.

Nascido em São Paulo em 1961, Carlito Carvalhosa vive e trabalha no Rio de Janeiro. Participou da 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985); da Bienal de Havana, Cuba (1986 e 2012); e da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2001 e 2009). Entre suas exposições coletivas recentes estão: *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Trienal no Alentejo* (Alentejo, Portugal, 2013); *Brasil vívido* (S|2, Nova Iorque, EUA, 2013); *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); e *Más allá de la xilografía* (Museo de la Solidaridad Salvador Allende, Santiago, Chile, 2012). Entre suas últimas mostras individuais estão: *Sala de espera* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Sum of days* (Museum of Modern Art, Nova Iorque, EUA, 2011); *Lugar comum* (Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brasil, 2011); *Projeto respiração: regra de dois* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil, 2011); e *A soma dos dias* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2010). Suas obras fazem parte de coleções públicas brasileiras como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, CIFO, Miami, entre outras.

Carvalhosa's manipulation of light and space is simultaneously an act of concealment and revelation. In the 1980s, he was a member of the São Paulo based collective Grupo Casa 7, alongside Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos, and Paulo Monteiro and like his colleagues, produced large paintings with an emphasis on the pictorial gesture. Recently, however, Carvalhosa has expanded his practice to installation, employing fabric, mirrors, and lights to create experiential and participatory environments.

In 2011, Carvalhosa was the first Brazilian artist to occupy the atrium at MoMA with his installation "Sum of Days." Consisting of a structure made of translucent material, hanging from the ceiling and forming a labyrinth, "Sum of Days" obscured the perimeter of its surrounding architectural space, allowing for an experience of total immersion. Microphones were distributed the interior of the structure playing back recordings of ambient noise captured from the previous day. In 2013, Carvalhosa was selected to inaugurate MAC-USP's new space with "Sala de Espera," an installation consisting of over forty tree trunks 12 meters in length, originally used as posts for street lighting, that horizontally cut the Niemeyer building, transforming an interior building into a public sphere.

Born in 1961 in São Paulo, Carlito Carvalhosa lives and works in Rio de Janeiro. He featured in the 18th Bienal de São Paulo, Brazil (1985); the Havana Biennial, in Cuba (1986 and 2012); and the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (2001 and 2009). Recent group shows include: *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Trienal no Alentejo* (Alentejo, Portugal, 2013); *Brasil vívido* (S|2, New York, USA, 2013); *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); and *Más allá de la xilografía* (Museo de la Solidaridad Salvador Allende, Santiago, Chile, 2012). Recent solo shows include: *Sala de espera* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Sum of days* (Museum of Modern Art, New York, USA, 2011); *Lugar comum* (Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brazil, 2011); *Projeto respiração: regra de dois* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brazil, 2011); and *A soma dos dias* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2010). His work is included in Brazilian public collections such as those of the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, CIFO, Miami, among others.



Eduardo Coimbra
Luz Natural 2013
22 lâmpadas fluorescentes, acrílico, impressão fotográfica s/ duratrans/
22 fluorescent lamps, acrylic, photographic printing on Duratrans
60 x 180 cm



Eduardo Coimbra é conhecido pelas suas instalações arquitetônicas site-specific com mídias variadas. Seus primeiros trabalhos usam objetos familiares resgatados do anonimato por meio de pequenos motores, luzes e máquinas elétricas.

Muitas vezes convidando a participação do público, a obra de Coimbra inclui paisagens surreais e construídas, bem como maquetes imaginativas e ecológicas feitas de pequenos objetos domésticos, lâmpadas fluorescentes, aço e ferro. "Nuvem" (2011), sua grande escultura pública, é composta de cinco caixas de luz quadradas, de 4,7 metros de altura e largura, com uma nuvem no centro e espelhos decorando as laterais. A escultura cria um portal surreal, convidando os espectadores a andarem pela instalação e vivenciarem o ambiente ao seu redor. "Paisagem" foi exibida na sua mostra individual no Museu da Pampulha em 2001. À primeira vista, a escultura parece um grande campo de grama, mas se dissolve em pequenos vasos individuais, como se o verde exuberante fosse pixels compondo a paisagem, permitindo que a vegetação invadisse o espaço interno do museu, revelando-se simultaneamente como imagem e matéria.

Eduardo Coimbra nasceu em 1955, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou da 29ª Bienal de São Paulo (2010) e da 3ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2001), ambas no Brasil. Exposições coletivas recentes incluem: *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brasil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Höhenrausch 2* (Offenes Kulturhaus Oberösterreich, Linz, Áustria, 2011); *Lugar algum* (SESC Pinheiros, São Paulo, Brasil, 2010); e *After utopia* (Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália, 2009). Algumas de suas mostras individuais recentes são: *2 esculturas* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Entre arquitetura e paisagem* (Studio X, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Projeto Nuvem* (Lexus Hybrid Art Project, Moscou, Rússia, 2013); *Arte na Cidade*, São Paulo, Brasil, 2012); *Museu observatório* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil, 2011); e *Natureza da paisagem* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2007).

Eduardo Coimbra is best known for his site-specific, mixed-media architectural installations. He first started making works where familiar objects were rescued from anonymity through the use of tiny motors, lights, and electrical machines.

Often inviting audience participation, Coimbra's works include surreal, constructed landscapes and imaginative, eco friendly maquettes made from small household objects, fluorescent lights, steel and iron. His large public sculpture "Nuvem" (2011), composed of five square boxes of light, 4.7 meters in height and length, with a photograph of a cloud at the center and mirrors adorning the lateral facets, created a surreal portal, inviting the viewers to walk around the installation and experience the environment anew. And on the other hand, "Paisagem" showcased in his solo show at Museu da Pampulha in 2011. At first, seemingly a large grass field, when seen up close dissolves into small individual pots. As if the lush greenery were pixels that composed the landscape, "Paisagem" allows the vegetation to invade the internal space of the museum, revealing itself as image and matter at the same time.

Eduardo Coimbra was born in 1955 in Rio de Janeiro, where he lives and works. He featured in the 29th Bienal de São Paulo (2010) and the 3rd Mercosul Biennial, in Porto Alegre (2001), both in Brazil. Recent group shows include: *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brazil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Höhenrausch 2* (Offenes Kulturhaus Oberösterreich, Linz, Austria, 2011); *Lugar algum* (SESC Pinheiros, São Paulo, Brazil, 2010); and *After utopia* (Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Italy, 2009). Recent solo shows include: *2 esculturas* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Entre arquitetura e paisagem* (Studio X, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Projeto Nuvem* (Lexus Hybrid Art Project, Moscow, Russia, 2013); *Arte na Cidade*, São Paulo, Brazil, 2012); *Museu observatório* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil, 2011); and *Natureza da paisagem* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2007).



Isaac Julien -- **All That's Solid Melts Into Air (Playtime)** 2013 -- fotografia em papel Endura Ultra/Endura Ultra photograph -- ed 6/6 -- 160 x 240 cm

Isaac Julien é um artista e cineasta britânico, cujo trabalho incorpora diferentes disciplinas artísticas, partindo ou utilizando-se de cinemadança, fotografia, música, teatro, pintura e escultura, combinadas para criar uma linguagem poético-visual única em suas instalações audiovisuais. Seu filme “Young soul rebels” (1991) ganhou o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cannes.

Julien foi indicado ao Prêmio Turner em 2001 por seus filmes “The long road to Mazatlán” (1999) e “Vagabondia” (2000). Sua aclamada instalação de cinco telas, “Western Union: small boats” (2007), foi exibida no Metro Pictures, Nova York, EUA; Galería Helga de Alvear, Madri, Espanha; Centre for Contemporary Arts, Varsóvia, Polônia; assim como integra a coleção do Brandhorst Museum, em Munique, Alemanha. Em 2008, Julien colaborou com Tilda Swinton no filme biográfico sobre Derek Jarman, simplesmente intitulado “Derek”, estreado no mesmo ano no Sundance Film Festival. Sua obra “Ten thousand waves” (2010) percorreu o mundo, exibida em mais de 15 países, incluindo cidades como Xangai, Sydney, Madri, Helsinque, São Paulo, Gwangju, Gotemburgo, Moscou, Nova York, Miami e Londres.

Mostras individuais recentes incluem: *Vagabondia* (Tate Modern, Londres, Inglaterra, 2014); *Playtime* (Victoria Miro Gallery, Londres, Inglaterra, 2014); *Ten Thousand Waves* (MoMA, Nova York, EUA, 2013); *Playtime* (Metro Pictures, Nova York, EUA, 2013); *The Long Road to Mazatlán* (Art Institute of Chicago, Chicago, EUA, 2013); *Better Life (Ten Thousand Waves)* (De Pont Museum of Contemporary Art, Tilburg, Países Baixos, 2013); *Fantome Creole* (Goetz Collection, Munique, Alemanha, 2013). Julien é representado em coleções públicas e privadas ao redor do mundo, incluindo: MoMA, Nova York, EUA; Tate, Londres, Inglaterra; Coleção de Arte do Governo do Reino Unido, Londres, Inglaterra; Centre Pompidou, Paris, França; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Hirshhorn Museum, Washington, EUA; e Museum Brandhorst, Munique, Alemanha.

Isaac Julien is a British artist and filmmaker whose work incorporates different artistic disciplines, drawing from and commenting on film, dance, photography, music, theatre, painting and sculpture, and uniting them to create a unique poetic visual language in audio visual film installations. His 1991 film “Young Soul Rebels” won the Semaine de la Critique prize at the Cannes Film Festival.

Julien was nominated for the Turner Prize in 2001 for his films “The long road to Mazatlán” (1999) and “Vagabondia” (2000). His acclaimed 5-screen installation, “Western Union: small boats” (2007) has been shown at Metro Pictures, New York, USA; Galería Helga de Alvear, Madrid, Spain; Centre for Contemporary Arts, Warsaw, Poland; and is also in the Museum Brandhorst collection in Munich, Germany. In 2008 Julien collaborated with Tilda Swinton on a biopic about Derek Jarman simply entitled “Derek,” which premiered at the Sundance Film Festival the same year. His 2010 film “Ten thousand waves” went on world tour, and has been on display in over 15 countries so far, including Shanghai, Sydney, Madrid, Helsinki, São Paulo, Gwangju, Gothenburg, Moscow, New York, Miami and London.

Recent solo shows include: *Vagabondia* (Tate Modern, London, UK, 2014); *Playtime* (Victoria Miro Gallery, London, UK, 2014); *Ten Thousand Waves* (MoMA, New York, USA, 2013); *Playtime* (Metro Pictures, New York, USA, 2013); *The Long Road to Mazatlán* (Art Institute of Chicago, Chicago, USA, 2013); *Better Life (Ten Thousand Waves)* (De Pont Museum of Contemporary Art, Tilburg, the Netherlands, 2013); *Fantome Creole* (Goetz Collection, Munich, Germany, 2013). Julien is represented in museum and private collections throughout the world, including: MoMA, New York, USA; Tate, London, England; the UK Government Art Collection, London, England; Centre Pompidou, Paris, France; Guggenheim Museum, New York, USA; Hirshhorn Museum, Washington, USA; and Museum Brandhorst, Munich, Germany.



Laura Vinci -- **Piãozinho** 2014 -- latão cromado/brass -- ed PA 1 -- 15 x 15 cm cada/each

A prática artística de Laura Vinci inclui, primariamente, esculturas de grande porte e instalações. Os seus trabalhos são intervenções em espaços públicos e privados e insistem que os espectadores se tornem participantes do seu trabalho. Seja pendurando teias de luzes no teto, enchendo o chão de maçãs, congelando a sala de exposição ou conectando uma rede de bacias de mármore com água, a artista se interessa pela transformação, pela construção de um ambiente onde a mudança acontece diante dos olhos do espectador.

Em “Máquina do Mundo” (2005), em exibição em Inhotim, Vinci instalou dois montes de pó de mármore nas extremidades de uma correia montadora. Conforme os grãos da poeira são transportados pela galeria, criam um contexto inteiramente novo para um meio que tem sido usado em escultura desde a Grécia Antiga, tornando o processo, a mudança, a transição mais importantes do que a estabilidade de um objeto estático.

Laura Vinci nasceu em 1962, em São Paulo, onde vive e trabalha. Entre suas exposições individuais recentes estão: *No ar* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2013); *Clara-clara* (Arte na Cidade, São Paulo, Brasil, 2012); e *Laura Vinci* (Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, Portugal, 2010). Participou da 26ª Bienal de São Paulo, Brasil (2004); das 2ª, 5ª e 7ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2009); e da 10ª Bienal Internacional de Cuenca, Equador (2009). *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); *Instável* (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2012); *Beuys e bem além: ensinar como arte* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); *Cantiere arte ambientale* (Ex-Macello, Pádua, Itália, 2010); e *Intempéries – o fim do tempo* (Oca, São Paulo, Brasil, 2009) são algumas mostras coletivas recentes que integrou. Possui obras em acervos como os da Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; do Inhotim, Brumadinho, Brasil; do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; e do Palazzo delle Papesse, Siena, Itália.

The practice of Laura Vinci includes, primarily, large-scale sculpture and installation. Her works stage interventions in spaces both public and private, and insist viewers to become participants of the work. Whether hanging netted lights from the ceiling, filling the floor with apples, freezing up an exhibiting room, or connecting a network of heated marble pools of water, she is interested in transformation; in constructing an environment where change happens before the viewer's eyes.

In “Machine of the World” (2005), on view in Inhotim, Vinci places two mounds of marble dust on either side of a conveyor belt. As the grains are moved across the gallery, they create an entirely new context for a medium that has been used in sculpture since Ancient Greece, making the process, the change, and transition more important than the stability of a static object.

Laura Vinci was born in 1962 in São Paulo, where she lives and works. Recent solo shows include: *No ar* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2013); *Clara-clara* (Arte na Cidade, São Paulo, Brazil, 2012); and *Laura Vinci* (Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisbon, Portugal, 2010). She participated in the 26th Bienal de São Paulo, Brazil (2004); the 2nd, 5th, and 7th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999, 2005, and 2009); and the 10th Cuenca International Biennial, in Ecuador (2009). *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); *Instável* (Paço das Artes, São Paulo, Brazil, 2012); *Beuys e bem além: ensinar como arte* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); *Cantiere arte ambientale* (Ex-Macello, Padua, Italy, 2010); and *Intempéries – o fim do tempo* (Oca, São Paulo, Brazil, 2009) are recent group shows in which she featured. Her works are included in the collections of the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Inhotim, Brumadinho, Brazil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil; and Palazzo delle Papesse, Siena, Italy.



Lucia Koch
Dupla {AB 1107 + AZ 544} 2014
alumínio e acrílico/aluminum and acrylic -- 60 x 80 x 4,7 cm

próxima página/next page
Creamcracker da série/from the series **Fundos** 2004
impressão fotográfica sobre papel de algodão/print on cotton paper
ed 3/3 + 1 PA -- 260 x 240 cm -- detalhe/detail



Intervenções com filtros e telas, vídeos e fotografias são algumas das mídias que Lucia Koch escolheu para investigar questões de luz e espacialidade, em diálogo constante com a arquitetura. Ao criar estados alterados dos lugares nos quais interferem, seus trabalhos reorientam não apenas a percepção, mas também a compreensão do mundo construído.

Ela participou do projeto independente “Arte Construtora”, que ocupou casas, parques e uma ilha em diferentes cidades brasileiras (1992/1996). Desde então, Koch desenvolveu um interesse por espaços domésticos e a forma como estes se relacionam com a vida nas cidades. Seus trabalhos englobam diferentes contextos, como um banho turco na Bienal de Istambul (2003) ou um área de venda de tecidos por atacado em Nagoya para a Trienal de Aichi (2010).

Lucia Koch nasceu em 1966, em Porto Alegre. Vive e trabalha em São Paulo. Participou da Bienal de Sharjah, Emirados Árabes Unidos (2013); da 11ª Bienal de Lyon, França (2011); da 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006); das 2ª, 5ª e 8ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2011); e da 8ª Bienal de Istambul, Istambul, Turquia (2003). Exposições coletivas de que participou recentemente incluem: *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA, 2014); *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Sense of place* (Pier 24, San Francisco, EUA); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Um outro lugar* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2011); *When lives become form* (Yerba Buena Center for Arts, San Francisco, EUA, 2009); Contemporary Art Museum, Tóquio, Japão, 2008). Suas mais recentes mostras individuais são: *a small show with a lot of space in it* (Christopher Grimes Gallery, Santa Monica, EUA, 2013); *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brasil, 2012); *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil, 2011).

Interventions with filters and screens, videos, and photographs are some of the media Lucia Koch has chosen in order to investigate issues of light and spatiality, in dialogue with architecture. By creating altered states of the places they interfere with, her works reorient not only perception, but the comprehension of the constructed world.

She participated in the “Arte Construtora” independent project, which occupied houses, parks, and an island in different Brazilian cities (1992 / 1996). Since then, Koch has pursued an interest in domestic spaces and how they relate to life in the city. Having works on contexts such as a functioning Turkish bath for the Istanbul Biennial (2003) or a textile wholesale area in Nagoya, for the Aichi Triennale (2010).

Lucia Koch was born in 1966 in Porto Alegre. She lives and works in São Paulo. She featured in the Sharjah Biennial, in the United Arab Emirates (2013); the 11th Lyon Biennale, in France (2011); the 27th Bienal de São Paulo, Brazil (2006); the 2nd, 5th, and 8th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999, 2005, and 2011); and the 8th Istanbul Biennial, in Turkey (2003). Recent group shows include: *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, USA, 2014); *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Sense of place* (Pier 24, San Francisco, USA); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *Um outro lugar* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2011); *When lives become form* (Yerba Buena Center for Arts, San Francisco, USA, 2009); Contemporary Art Museum, Tokyo, Japan, 2008). Recent solo shows include: *a small show with a lot of space in it* (Christopher Grimes Gallery, Santa Monica, USA, 2013); *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brazil, 2012); *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brazil, 2011); and *Casa acesa* (La Casa Encendida, Madrid, Spain, 2008).



Marco Maggi
Slow sliding 2012

cortes em 35 folhas de papel de 35 mm em molduras de slide/
cuts on 35 35mm colored papers on slide mounts -- 36 x 36 cm -- detalhe/detail

marco	maggi

A presença do papel e o caráter intimista são duas constantes na produção de Marco Maggi, mesmo em suas grandes instalações. Desde a consolidação de sua carreira, na década de 1990, estimula seu público de forma espirituosa e delicada a diminuir o ritmo cotidiano e observar com vagar, prestar atenção e aprofundar-se em suas obras, na vida ao seu redor e na sociedade em que se vive.

Na série “The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA”, Maggi demonstra senso crítico apurado, usando reproduções de obras de artistas como Gerhard Richter, Andy Warhol e Hélio Oiticica para comentar a condição midiática da vida atual. Pilhas de papel em branco cobrem reproduções e, filetadas com precisão, criam relevos e aberturas que revelam traços de cor da reprodução oculta embaixo, formando uma grande paisagem branca com pequenas aberturas de cor. As instalações mantêm o uso do papel, mas as numerosas pilhas, a distância, não revelam sua natureza; é preciso se aproximar, ter certa intimidade com as obras, dedicar-lhes algum tempo para descobrir o que revelam.

Marco Maggi nasceu em Montevideo, Uruguai, em 1957. Vive e trabalha em Nova York e Montevideo. *Flow, just flow* (Joel and Lila Harnett Museum of Art, Richmond, EUA, 2013); *MoCA's permanent collection: selection of recent acquisitions* (Museum of Contemporary Art, Los Angeles, EUA, 2013); *Works from the Daros Latin America Collection* (Fundación Banco Santander, Madrid, Espanha, 2010); e *In transition* (Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA, 2010) são algumas das mostras coletivas em que apresentou seu trabalho recentemente. Participou também da 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002); da 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003); da 29ª Bienal de Pontevedra, Espanha (2006); da 17ª Bienal da Guatemala (2010); e da Bienal de Cuenca, Equador (2011). Exposições individuais recentes incluem: *Color Files* (MOLAA Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA, 2013); *Lentissimo* (Vassar College Museum, Nova York, EUA, 2013); *Desinformação funcional – desenhos em português* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2012); e *From Huguenot to microwave* (Dorsky Museum, Nova Iorque, EUA, 2011). Seus trabalhos integram acervos como: MoMA, Nova York, EUA; Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Hirshhorn Museum, Washington, EUA; Museum of Fine Arts, Boston, EUA; Fine Arts Museums of San Francisco, San Francisco, EUA; e Daros Foundation, Zurique, Suíça; entre outros.

The presence of paper and the intimate character are two constants in the work of Marco Maggi, even in his large installations. Ever since he established his career, in the 1990s, Maggi has wittily and delicately encouraged his audience to slow down their pace, and watch, pay attention, and delve deeper into his works, the life that surrounds them, and the society in which they live.

In a series entitled “The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA,” Maggi shows his acute critical sense by using reproductions of pieces by artists of the likes of Gerhard Richter, Andy Warhol, and Hélio Oiticica to comment on the mediated condition of contemporary life. Heaps of white paper cover reproductions, slashed with precision to create reliefs and gaps that reveal traces of tones from the reproductions hidden underneath, forming a big white landscape spiked with small slits of color. The installations maintain the use of paper, but from a distance, the numerous heaps do not show their nature; one must come closer, become somewhat acquainted with the works and dedicate some time to finding out what they reveal.

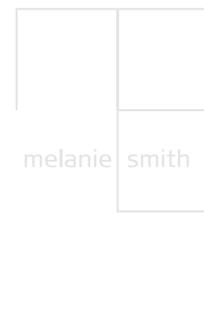
Marco Maggi was born in 1957 in Montevideo, Uruguay. He lives and works in New York and Montevideo. He recently showed his work in shows such as *Flow, just flow* (Joel and Lila Harnett Museum of Art, Richmond, EUA, 2013); *MoCA's permanent collection: selection of recent acquisitions* (Museum of Contemporary Art, Los Angeles, USA, 2013); *Works from the Daros Latin America Collection* (Fundación Banco Santander, Madrid, Spain, 2010); and *In transition* (Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, USA, 2010). He also featured in the 25th Bienal de São Paulo, Brazil (2002); the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003); the 29th Pontevedra Biennial, in Spain (2006); the 17th Guatemala Biennial (2010); and the Cuenca Biennial, in Ecuador (2011). Recent solo shows include: *Color Files* (MOLAA Museum of Latin American Art, Long Beach, USA, 2013); *Lentissimo* (Vassar College Museum, Nova York, USA, 2013); *Desinformação funcional – desenhos em português* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2012); and *From Huguenot to microwave* (Dorsky Museum, New York, USA, 2011). His works are included in the collections of the MoMA, New York, USA; Whitney Museum of American Art, New York, USA; Guggenheim Museum, New York, USA; Hirshhorn Museum, Washington, USA; Museum of Fine Arts, Boston, USA; Fine Arts Museums of San Francisco, San Francisco, USA; and Daros Foundation, Zurich, Switzerland; among others.



Melanie Smith
Monkeys III 2010
óleo sobre tela/oil on canvas
75 x 60 cm



Big ben 2 2010
esmalte acrílico, óleo e encáustica sobre MDF/
acrylic enamel, oil and encaustic on MDF
41 x 50 cm



Desde 1989, Melanie Smith vive e trabalha na Cidade do México, uma experiência que muito influencia a sua obra. Seu trabalho é caracterizado por uma certa releitura das categorias formais e estéticas dos movimentos de vanguarda e pós-vanguarda, problematizadas nos lugares e horizontes das heterotopias. Sua produção está intimamente ligada à visão expandida da noção de modernidade, estabelecendo paralelos com o seu significado na América Latina, particularmente no México, e lidando com as implicações nas suas próprias explorações formais, como um momento crítico na estrutura estético-política da modernidade e da modernidade tardia.

Seus primeiros trabalhos consideravam a Cidade do México em si, registrando suas multidões, sua violência, sua banalidade e sua natureza clandestina, bem como sua decomposição inerente. O trabalho mais extraordinário desse ciclo é o vídeo "Spiral City" (2002). Em outro trabalho, ela amplia as noções de lugar e não lugar documentando a pequena cidade de Parres nos arredores da capital. A artista produziu uma trilogia de filmes 35mm e uma série de pinturas e instalações que revisitam a ideia modernista do monocromático.

Melanie Smith nasceu em 1965, em Poole, Reino Unido, e radicou-se na Cidade do México, México. Participou da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011); da 8ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2011); e da 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003). Entre as exposições coletivas de que participou recentemente estão: *Under the Mexican sky: Gabriel Figueroa – art and film* (Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA, 2013); *México inside out: themes in art since 1990* (Modern Art Museum of Fort Worth, Fort Worth, EUA, 2013); *Salvajes - Digesting Europe Piece by Piece* (Traneudstillingen Exhibition Space, Copenhagen, Dinamarca, 2012); *Another victory over the sun* (Museum of Contemporary Art, Denver, EUA, 2011); *The Smithsonian effect* (Utah Museum of Fine Arts, Salt Lake City, EUA, 2011); e *The twentieth century* (Tate, Liverpool, Inglaterra, 2009); além de mostras individuais como: *Melanie Smith* (Contemporary Art Museum Houston, Houston, EUA, 2014); *Green is the colour* (Sicardi Gallery, Houston, EUA, 2014); *Xilitla* (FLORA ars+natura, Bogotá, Colômbia, 2013); *Irretratabilidad, ilegibilidad, inestabilidad* (Museo Amparo, Puebla, México, 2013); *Melanie Smith* (Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil, 2012); *Short Circuit* (Villa Merkel, Esslingen, Alemanha, 2012); *Bulto* (Museo de Arte de Lima, Peru, 2011); e *Xilitla* (El Eco, Cidade do México, México, 2010).

Since 1989 she has lived and worked in Mexico City, an experience that has enormously influenced her works ever since. Her work has been characterized by a certain re-reading of the formal and aesthetic categories of avant-gardes and post-avant-garde movements, problematized at the sites and within the horizons of heterotopias. Her production is intimately related to a certain expanded vision of the notion of modernity, maintaining a relationship both with what this means in Latin America, particularly in Mexico, and with the implication this has for her formal explorations as a critical moment in the aesthetic-political structure of modernity and late modernity.

Her earlier pieces considered Mexico City itself, recording its multitudes, its violence, its banality, and its clandestine nature and at the same time its inherent decomposition. The most outstanding piece from this cycle is the video *Spiral city* (2002). In another of her works, she broadens the notions of place and non-place by documenting the small town of Parres on the outskirts of the city. She produced a trilogy of 35mm films and a series of paintings and installations that rework the modernist idea of the monochromatic.

Melanie Smith was born in 1965 in Poole, United Kingdom, and later moved to Mexico City, Mexico. She participated in the 54th Venice Biennale, in Italy (2011); the 8th Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (2011); and the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003). Recent group shows include: *Under the Mexican sky: Gabriel Figueroa – art and film* (Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, USA, 2013); *México inside out: themes in art since 1990* (Modern Art Museum of Fort Worth, Fort Worth, USA, 2013); *Salvajes - Digesting Europe Piece by Piece* (Traneudstillingen Exhibition Space, Copenhagen, Denmark, 2012); *Another victory over the sun* (Museum of Contemporary Art, Denver, USA, 2011); and *The twentieth century* (Tate, Liverpool, England, 2009). She has also held recent solo shows such as: *Melanie Smith* (Contemporary Art Museum Houston, Houston, USA, 2014); *Green is the colour* (Sicardi Gallery, Houston, USA, 2014); *Xilitla* (FLORA ars+natura, Bogotá, Colômbia, 2013); *Irretratabilidad, ilegibilidad, inestabilidad* (Museo Amparo, Puebla, Mexico, 2013); *Melanie Smith* (Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil, 2012); *Short Circuit*, (Villa Merkel, Esslingen, Germany, 2012); *Bulto* (Museo de Arte de Lima, Peru, 2011); and *Xilitla* (El Eco, Mexico D.F., Mexico, 2010).



Rodolpho Parigi
da série/from the series **Bestiário** 2014
nanquim sobre papel de algodão/
india ink on cotton paper
41,5 x 31 cm

Três momentos específicos mapeiam a produção de Rodolpho Parigi. Pinturas que tinham a geometria e a cor como base para criar um explosão e fragmentação da pintura. Desenhos de anatomia inventada misturando realidade e ficção na construção da imagem. E ambientações para as performances que combinam teoria queer com a construção da história da arte. Essas correntes, embora díspares, emergem de um impulso similar: um interesse profundo e uma fascinação pelo excesso do corpo, por suas representações anatômicas e pela imaginação pornográfica que o corpo instiga e multiplica no inconsciente coletivo. O corpo, na obra do artista, não é reproduzido precisamente, mas engolido e regurgitado como algo “corporal”, existindo verdadeiramente apenas na dimensão e nas limitações da superfície das suas escolhas. Trata-se de um campo de proposição para a ativação do corpo. É esse o caso de seu alter ego Fancy Violence, onde a performance aparece como elemento central em sua produção atual, lidando com o corpo em um espaço criado no qual abriga e dialoga com suas apresentações.

Rodolpho Parigi nasceu em 1977, em São Paulo, onde vive e produz. Exposições coletivas recentes incluem: *Medos Modernos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2014); *Prática Portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); *Artistas em residência* (Red Bull Station, São Paulo, Brasil, 2014); *Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo* (Casa Modernista, São Paulo, Brasil, 2013); *O exercício da arte – FAAP, seus professores e alunos no acervo* (Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil, 2013); *1911-2011: arte brasileira e depois – Coleção Itaú* (Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil, 2012); *Works on paper* (Rabbitthole Space, Nova Iorque, EUA, 2011); *Spinnerei walkabout* (Leipzig, Alemanha, 2011); *Os primeiros dez anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); e *Novas aquisições* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2010). Sua principais mostras solo recentes são: *Febre* (Pivô, São Paulo, Brasil, 2013); *Projeto de Ocupação A Pipa* (Praça Victor Civita, São Paulo, Brasil, 2013); *Atraque* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); *Concrete blonde* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2009); e *Programa de Exposições Individuais Simultâneas* (Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, 2006). Suas obras fazem parte de coleções como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; e Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, entre outras.

Three specific moments map the production of Rodolpho Parigi. Paintings that possessed the explosive surfaces of abstract forms. Large anatomy drawings of invented anatomy, mixing reality and fiction in the construction of the image. And ambiances for the performances that cross queer and identity theory with the construction of the history of art. These currents, albeit disparate, arise from a similar pulse: the artist's profound interest and fascination with the excess of the body, its anatomical renderings, and the pornographic imagination the latter instigates and proliferates within the collective unconscious. In the works of the artist, the body is not reproduced precisely, rather, it is engulfed and regurgitated back into something akin to what is “bodily” – an entity that only truly exists in the dimension and limitations of his surface of choice. It concerns, in specific, a propositional field for the activation of the body. Such is the case of his alter ego Fancy Violence. With “Fancy” performance emerges as a central element in his current production where the body is dealt within a constructed ambience, appropriate and appropriating space for her seductive/surreptitious apparitions.

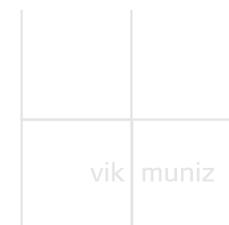
Rodolpho Parigi was born in 1977 in São Paulo, where he lives and works. Recent group shows include: *Medos Modernos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2014); *Prática Portátil* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); *Artistas em residência*, (Red Bull Station São Paulo, Brazil, 2014); *Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo* (Casa Modernista, São Paulo, Brazil, 2013); *O exercício da arte – FAAP, seus professores e alunos no acervo* (Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brazil, 2013); *1911-2011: arte brasileira e depois – Coleção Itaú* (Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brazil, 2012); *Works on paper* (Rabbitthole Space, New York, USA, 2011); *Spinnerei walkabout* (Leipzig, Germany, 2011); *Os primeiros dez anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); e *Novas aquisições* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2010). Recent solo shows include: *Febre* (Pivô, São Paulo, Brazil, 2013); *Projeto de Ocupação A Pipa* (Praça Victor Civita, São Paulo, Brazil, 2013); *Atraque* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); *Concrete blonde* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2009); e *Programa de Exposições Individuais Simultâneas* (Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brazil, 2006). His works are included in the collections of: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Itaú Cultural, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil; and Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brazil, among others.



Vik Muniz -- Sandcastle # 03 2014 -- c print digital/digital c print -- ed.1/6 -- 100 x 120 cm -- detalhe/detail



Vik Muniz -- **Sandcastle # 10** 2014 -- c print digital/digital c print -- ed.1/6 -- 100 x 120 cm -- detalhe/detail



Vik Muniz nasceu em São Paulo, Brasil. Ele mora e trabalha em Nova York e Rio de Janeiro. Em dezembro de 2008, Vik foi o artista convidado da série de exposições *Artist's Choice: Vik Muniz-Rebus*, do MoMa de Nova York. Individuais recentes incluem: *Vik Muniz: Mas Acá de La Imagen* (Museum of Contemporary Art, Lima, Peru, 2014); *Vik Muniz: Pictures of Anything* (Tel Aviv Museum, Tel Aviv, Israel, 2014); *Vik Muniz: Poetics of Perception* (Museum of Contemporary Art, Virginia Beach, EUA, 2014); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Vik Muniz* (Museo Banco de la Republica, Bogotá, Colombia, 2013).

Outras exposições individuais de Vik Muniz nos últimos anos foram: *Vik Muniz*, na House of Photography, *Pictures of People*, no Baltic Centre for Contemporary Art, Reino Unido; *Vik Muniz*, no Museu Irlandês de Arte Contemporânea, em Dublin; *Vik Muniz*, no Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela, Espanha; *Vik Muniz*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Suas principais exposições individuais nos EUA foram: *The Things Themselves: Pictures of Dirt*, no Museu Whitney de Arte Americana, em Nova York; *Vik Muniz*, no Museu e Galeria de Arte Tang Teaching, em Nova York; *Clayton Days*, no Frick Art & Historical Center, em Pittsburgh; e *Ver é Crer*, no Centro Internacional de Fotografia de Nova York. Vik foi artista convidado da 49ª Bienal de Veneza, da 2000 Biennial Exhibition no Museu Whitney de Arte Americana, da XXIV Bienal Internacional de São Paulo e da 46ª Exposição Bienal Media/Metaphor, na Corcoran Gallery of Art em Washington, EUA.

Sua obra está representada nas coleções de grandes museus internacionais: Instituto de Arte de Chicago, Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles, Museu J. Paul Getty, Metropolitan Museum of Art, Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York, Museu de Arte Moderna de São Paulo, e Victoria and Albert Museum em Londres, entre outros. Além de fazer arte, Vik está envolvido em projetos sociais que usam a criação artística como força transformadora. Um desses projetos é apresentado em *Waste Land*, documentário realizado em 2010 sobre o trabalho de Vik com catadores de lixo brasileiros. O filme foi indicado ao Oscar e ganhou o prêmio de Melhor Filme no Festival de Sundance, entre outros prêmios. Em 2011, Muniz foi nomeado Embaixador da Boa Vontade da UNESCO.

Vik Muniz was born in São Paulo, Brazil. He lives and works in New York and Rio de Janeiro. In December 2008 Vik was the guest artist at the Museum of Modern Art exhibition series *Artist's Choice: Vik Muniz-Rebus*. Recent solo exhibitions include: *Vik Muniz: Mas Acá de La Imagen* (Museum of Contemporary Art, Lima, Peru, 2014); *Vik Muniz: Pictures of Anything* (Tel Aviv Museum, Tel Aviv, Israel, 2014); *Vik Muniz: Poetics of Perception* (Museum of Contemporary Art, Virginia Beach, USA, 2014); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Vik Muniz* (Museo Banco de la Republica, Bogotá, Colombia, 2013).

Other international solo exhibitions in recent years are: *Vik Muniz* at the House of Photography, *Pictures of People*, at the Baltic Centre for Contemporary Art in the UK; *Vik Muniz*, at the Irish Museum of Contemporary Art in Dublin; *Vik Muniz* at the Centro Galego de Arte Contemporânea in Santiago de Compostela, Spain; *Vik Muniz* at Museum of Modern Art, Rio de Janeiro and Museum of Modern Art, São Paulo. In the US major solo exhibitions are: *The Things Themselves: Pictures of Dirt* at the Whitney Museum of American Art in New York; *Vik Muniz* at The Tang Teaching Museum and Art Gallery in New York; *Clayton Days* at The Frick Art & Historical Center in Pittsburgh and *Seeing is Believing* at the International Center of Photography in New York. Vik was a guest artist at the 49th Venice Biennial, the 2000 Biennial Exhibition at the Whitney Museum of American Art, the XXIV Bienal Internacional de São Paulo and the 46th Corcoran Biennial Exhibition, Media/Metaphor at The Corcoran Gallery of Art in Washington, D.C.

His work is included in the collections of major international museums such as: the Art Institute of Chicago, Los Angeles Museum of Contemporary Art, The J. Paul Getty Museum, the Metropolitan Museum of Art, MoMA (New York), Museu de Arte Moderna de São Paulo, and Victoria and Albert Museum in London, among others. Besides making art, Vik is involved in social projects that use art making as a force for change. One of these projects can be seen in "Waste Land," a 2010 documentary about his work with Brazilian garbage pickers, which was nominated for the Oscar, won the Sundance Audience Award for Best Film, among other prizes. In 2011 Vik was nominated Good Will Ambassador by UNESCO.

